

DAS CARTAS: A BELÉM DE ANTIGAMENTE DE MÁRIO DE ANDRADE

MÁRIO DE ANDRADE' S REMINISCENCES OF BELÉM THROUGH HIS LETTERS

Josebel Akel Fares¹

Jayna Karolyne de Souza Santos²

Resumo: Este artigo resulta de parte da pesquisa Epístolas Poéticas sobre Belém, vinculada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará – (PPGED/UEPA), em parceria com o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica UEPA/FAPESPA. Buscou analisar as experiências de Mário de Andrade em Belém do Pará por meio de cartas destinadas a Manuel Bandeira, com vistas a constituir um panorama da Belém de outrora, a partir do olhar poético de um “estrangeiro”. Assim, desenvolvemos uma pesquisa de natureza qualitativa, dividida em dois momentos: no primeiro, tratamos acerca da discussão teórica sobre o movimento modernista no Brasil e da vida e obra de Mário de Andrade, a partir das reflexões de estudiosos, como Alfredo Bosi (2006), Antônio Candido (1997), Massaud Moisés (2001), João Luiz Lafeté (1990), entre outros; no segundo momento, apresentamos e analisamos as cartas que Mário de Andrade destinou a Manuel Bandeira. Para a análise das correspondências, destacamos as reflexões de Vasti Araújo (2008) e André Botelho (2013). Além disso, estabelecemos diálogos com cartas, que Mário de Andrade destinou a Câmara Cascudo (1991) e a Anita Malfatti (1989), e com o diário “O Turista Aprendiz”. Os resultados apontam experiências de Mário de Andrade em Belém do Pará, como o discurso que o poeta teve de fazer em resposta ao então Presidente do Pará, Dionísio Bentes, e o julgamento da crítica brasileira da época em relação aos trabalhos produzidos por escritores modernistas. Concluímos que as informações presentes nas cartas que Mário de Andrade destinou a Manuel Bandeira são um breve resumo de um relato muito maior, aquele presente no diário “O Turista Aprendiz” e que podemos apreender a realidade por meio do poético, ou daquilo que chamamos de educação sensível.

Palavras-chave: Belém do Pará. Cartas. Manuel Bandeira. Mário de Andrade.

Abstract: This paper results from the part of the research Poetic Epistles on Belém, linked to the Postgraduate Program in Education of the Pará State University (PPGED / UEPA), in partnership with the Institutional Scholarship Program of UEPA / FAPESPA. It sought to analyze the experiences of Mário de Andrade in Belém of Pará through letters addressed to Manuel Bandeira, in order to establish a panorama of ancient Belém, from a poetic perspective of the “foreigner”. Thus, we developed research of qualitative type, divided in two moments. In the first, we dealt with the theoretical discussion on the modernist movement in Brazil, and the life and work of Mário de Andrade, based on the reflections of scholars such as Alfredo Bosi (2006), Antônio Candido (1997), Massaud Moisés (2001), João Luiz Lafeté (1990), among others. In the second moment, we presented and analyzed the letters that Mário de Andrade assigned to Manuel Bandeira. For the analysis of the correspondences, we highlighted the reflections of Vasti Araújo (2008) and André Botelho (2013). In addition, we established dialogues with letters, which Mário de Andrade assigned to Câmara Cascudo (1991) and Anita Malfatti (1989), and to the journal “The Tourist Apprentice”. The results point to Mário de Andrade’s experiences in Belém of Pará, such as the

¹ Doutora em Comunicação e Semiótica: Intersemiose na Literatura e nas Artes (PUCSP, 2003), com estágio Pós-Doutoral em Educação (PUCRS, 2012). Professora titular em Literatura do Curso de Licenciatura em Letras e do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Pará. Coordena o Núcleo de Pesquisa Culturas e Memórias Amazônicas (CUMA/UEPA). E-mail: belfares@uol.com.br

² Licenciada Plena em Letras (UEPA, 2017). Foi monitora de Língua Portuguesa e Literatura e bolsista de Projetos de Iniciação Científica *Da Literatura de Expressão Amazônica ao Audiovisual* e do *Epístolas Poéticas*. Participa do Núcleo de Pesquisa Culturas e Memórias Amazônicas (CNPQ/UEPA). E-mail: jaynakarolyne@gmail.com

poet's speech in response to the President of Pará at the time, Dionisio Bentes, and the judgement of the Brazilian criticism concerning the works produced by modernist writers. We concluded that the information presented in the letters Mário de Andrade assigned to Manuel Bandeira is a brief summary of a much larger report, the one in the journal "The Tourist Apprentice", and that we can apprehend reality through the poetic, or through what we call sensible education.

Keywords: Belém of Pará. Letters. Manuel Bandeira. Mário de Andrade.

Introdução

Ao estudarmos os arquivos pessoais de um escritor, como a sua correspondência e o seu diário, temos a oportunidade de vivenciar as suas preocupações, sentimentos, opiniões, preferências, hábitos, experiências, além de vislumbrar, conforme Vasconcellos (2001, p. 10), outros pontos de sua obra que passariam despercebidos se esses arquivos não fossem preservados.

Nesse sentido, José-Luis Diaz (2007, p. 123) nos explica que "um dos principais usos das correspondências de escritores é o de servir comumente para acompanhar os diversos estados de criação de uma obra particular". Para ele, as cartas podem mencionar obras em processo de criação e as suas respectivas etapas, isto é, desde o projeto, com um título provisório, até a publicação do livro e a sua recepção pela crítica. Como podemos observar nesta carta de Manuel Bandeira a Mário de Andrade, datada de 31 de outubro de 1927, em que ele comenta sobre um dos principais trabalhos do amigo, a rapsódia "Macunaíma":

Macunaíma chegou e eu gostei dele. Eu estava de pé atrás com o herói. Você deve ter notado que quando você me falava nele eu não mostrava lá tanto entusiasmo. Me parecia que você estava me preparando uma bruta caceteação em cima da gente. Me explico: você me dizia que era uma história escrita sobre lendas do Amazonas. Ora quase todas essas lendas me aporrinham, é um defeito meu, eu luto pra me emendar mas qual. Bem entendido não são todas que me aporrinham: são principalmente as que explicam a origem das coisas. Porque é que cai orvalho de manhãzinha, - e lá vem uma historiada comprida com uns nomes filhos da puta pelo meio. Sei da importância enorme de tudo isso, mas quê hei de fazer, como dizia Macunaíma, me aporrinha (BANDEIRA. In: MORAES, 2001, p. 358).

Mário de Andrade (1893-1945) e Manuel Bandeira (1886-1968) foram grandes amigos e correspondentes. A amizade entre os poetas teve início em 1921, no Rio de Janeiro, na casa do poeta Ronald de Carvalho. Nesse período, Mário buscava adeptos modernistas entre os escritores cariocas e queria encontrar-se com Manuel, cujos poemas de "Carnaval" conheceu por intermédio de Guilherme de Almeida. A troca de cartas começou por iniciativa de Manuel, em maio de 1922, após a Semana de Arte Moderna. A partir de então se iniciou uma grande amizade entre esses dois ícones do movimento modernista. Nos dias atuais, suas correspondências são importantes fontes de estudo por revelarem:

[...] estratégia de divulgação da arte moderna, dissensões nos grupos, comentários em torno da produção literária, exposições de artes plásticas e apresentações musicais, no calor da hora. Adentram o diálogo epistolar outros atores do modernismo, redivivos, com suas fraquezas morais e potencialidades, examinados com paixão ou criticados cruamente. Entre a cena e os bastidores, a história do modernismo se enriquece, perdendo a fixidez livresca. A sociedade brasileira reflete-se

nas ações e palavras dos interlocutores, homens de letras e intelectuais formadores de opinião (MORAES, 2001, p. 14).

Em 1927, Mário de Andrade participou de uma excursão em companhia da aristocrata do café e mecenas dos modernistas, Olívia Guedes Penteado, de sua sobrinha Margarida Guedes Penteado e de Dulce do Amaral Pinto, filha de Tarsila do Amaral. A viagem durou três meses, compreendendo “do Rio de Janeiro até a Bolívia e o Peru, navegando por toda a costa brasileira até Belém e depois por rios da região, entre eles, Amazonas, Negro, Solimões e Madeira”, explica Luiz Torelly (2015, p. 11). As experiências do poeta foram registradas em cartas destinadas ao amigo Manuel Bandeira e no diário “O turista aprendiz”, em que ele narra, além desta viagem, outra realizada em novembro de 1928/29 ao Nordeste. Entretanto, apesar de as correspondências e o diário de Mário estarem sendo temas de artigos, ensaios, monografias e dissertações, a bibliografia disponível sobre esse assunto ainda é muito pequena, especialmente aquela que trata a passagem do poeta por Belém do Pará.

Nas cartas e no diário de viagem de Mário de Andrade, podemos encontrar memórias da Belém de antigamente, isto é, traços importantes da sociedade e da história de nossa cidade, que naquele período apresentava resquícios de um passado recente: por três décadas (1891-1918) Belém experimentou as riquezas proporcionadas pela extração do látex.

Assim sendo, almejamos analisar as experiências de Mário de Andrade na Amazônia, particularmente em Belém do Pará, com a finalidade de buscar respostas às seguintes perguntas da pesquisa: 1. Quais foram as experiências de Mário de Andrade em Belém do Pará? 2. Como Belém estava historicamente em 1927, quando Mário a visitou? 3. Como o movimento modernista encontrava-se nesse período? Para respondê-las, traçamos um objetivo geral e dois específicos, que são, respectivamente: 1. Analisar as experiências de Mário de Andrade em Belém do Pará, por meio de cartas destinadas a Manuel Bandeira e constituir um panorama da Belém de outrora, a partir de um olhar poético do “estrangeiro”; 2 (a). Conhecer as representações da Belém de antigamente por meio de correspondências de Mário de Andrade; 2 (b). Estudar o Modernismo brasileiro por meio das cartas de Mário de Andrade.

Como metodologia, desenvolvemos uma pesquisa de natureza qualitativa, pois ela, conforme Neves (1996, p. 1), costuma ser direcionada ao longo de seu desenvolvimento, não procura enumerar ou medir eventos e, geralmente, não faz uso de instrumentos estatísticos para a análise dos dados, além disso, seu foco de interesse é amplo.

Este trabalho está dividido em dois momentos. No primeiro, tratamos acerca da discussão teórica sobre o movimento modernista no Brasil e da vida e obra de Mário de Andrade, a partir das reflexões de estudiosos, como: Alfredo Bosi (2006), Antonio Candido (1997), João Luiz Lafetá (1990), Massaud Moisés (2001), entre outros. No segundo momento, apresentamos e analisamos as cartas que Mário de Andrade destinou a Manuel Bandeira.

1. Contexto histórico

De acordo com Cotrim (2005, p. 458), a porção da história política brasileira que vai de 1889 a 1930 costuma ser classificada pelos estudiosos, como: “República Oligárquica, República do Café com Leite, República Velha ou Primeira República”. Esse período, especificamente de 1894 a 1930, foi marcado pelo controle político e econômico dos grandes proprietários rurais de São Paulo (grande produtor de café) e de Minas Gerais (grande produtor de leite), que exerciam a política do “café com leite”, afirma Bosi (2006, p. 323).

A durabilidade desse sistema dependia, em grande parte, do equilíbrio entre a produção e as exportações de café; o que foi logo percebido pelos fazendeiros, que deram ao Estado o papel de comprador dos excedentes para a garantia de preços em virtude das oscilações do mercado, acrescenta Bosi (2006, p. 323-324). E continua, essa “nobreza” fundiária não esgotava a faixa do que se costuma chamar “classes dominantes”. Havia, ainda, uma principiante burguesia industrial em São Paulo e no Rio de Janeiro; profissionais liberais; e o exército, grupo fundamental que, embora economicamente preso às camadas sociais médias, vinha exercendo desde a proclamação da república um papel político de grande relevo.

Em meio a essa organização política e social, a sociedade brasileira vai se modificando em virtude dos processos de urbanização e a vinda de imigrantes europeus para o centro-sul. Simultaneamente, ignoram-se os antigos escravos em várias regiões do país. Ampliam-se, conseqüentemente, a classe média, a classe operária e a classe do subproletariado. A cultura canavieira no Nordeste entra em colapso por não poder competir nem em capitais, nem em mão-de-obra, com o crescimento do café paulista, aponta Bosi (2006, p. 324).

Para o autor, esse cenário nos mostra que os polos da vida pública nacional estavam cada vez mais divididos: de um lado, conjuntos políticos controlados pelas oligarquias rurais; de outro, as novas camadas socioeconômicas que o poder oficial não representava. Por isso, havia ideologias em conflito: o conservadorismo agrário não se adaptava à mente inquieta dos centros urbanos, vulnerável às influências europeias e norte-americanas na sua faixa burguesa, e repleta de pontos radicais nas suas camadas média e operária. Em resumo, a situação comportava: a) uma visão estática do mundo; b) um pensamento liberal com traços indefinidos; c) um complexo mental pequeno-burguês, de classe média, oscilante entre o puro ressentimento e o reformismo; e d) uma atitude revolucionária.

No entanto, devemos associar esse panorama social à realidade de um Brasil plural, uma vez que os conflitos ocorreram em tempos e lugares diferentes, parecendo exprimir tensões meramente locais. Como exemplos, o autor cita:

O núcleo jagunço de Canudos, matéria de *Os Sertões* de Euclides da Cunha, o fenômeno do cangaço, o “caso” do Padre Cícero em Juazeiro, no primeiro quartel do século, refletiram a situação crítica de um Nordeste marginalizado e, portanto, aderente a soluções arcaicas. Os movimentos operários em São Paulo, durante a guerra de 1914-18 e logo depois, eram sintoma de uma classe nova que já se debatia em angustiantes problemas de sobrevivência numa cidade em fase de industrialização. E as tentativas militares de 22, de 24, e a Coluna Prestes, em 25, significavam a reação de um grupo liberal-reformista mais afoito que desejava golpear o *status quo* político, o que só ocorreria com a Revolução de 30 (BOSI, 2006, p. 325).

Os movimentos possuem desfechos isolados, mas juntos exibem uma nação que se desenvolvia a custa de graves desequilíbrios políticos, sociais e econômicos. E, em meio a essa conjuntura, o intelectual brasileiro da década de 20 foi sendo moldado, as suas ideias iriam definir o Modernismo brasileiro. De acordo com Bosi (2006, p. 325), o contato que os setores mais agitados de São Paulo e do Rio de Janeiro mantinham com a Europa exerceu grande influência nas decisões tomadas por esses intelectuais. Começam as leituras dos futuristas italianos, dos dadaístas e dos surrealistas franceses. Ouvem-se as músicas de Debussy e Millaud. Assiste-se ao teatro de Pirandello e ao cinema de Chaplin. Conhece-se o cubismo de Picasso, o primitivismo da Escola de Paris e o expressionismo plástico alemão. Fala-se da psicanálise de Freud, do relativismo de Einstein e do intuicionismo de Bergson. Chegam os primeiros ecos da Revolução Russa, do anarquismo espanhol, do sindicalismo e do fascismo italiano.

Bosi (2006, p. 354) acredita que à medida que nos aproximamos da Semana de Arte Moderna as inovações formais nos capturam, isto é, o espírito modernista concentra-se em torno de uma nova expressão de artistas: Anita Malfatti, Di Cavalcanti, Guilherme de Almeida, Manuel Bandeira, Mário de Andrade, Menotti del Picchia, Oswald de Andrade, Sérgio Milliet, Victor Brecheret e Villa-Lobos. É a partir do clima de vanguarda que podemos perceber uma dinamização da literatura brasileira já no período da Primeira Guerra Mundial. Entretanto, os novos ideais estéticos não surgiram magicamente. Muito antes, alguns escritores brasileiros trouxeram da Europa notícias de uma literatura em crise:

Oswald de Andrade conheceu em Paris o futurismo que Marinetti, em 1909, lançara pelas páginas do *Figaro* no famoso Manifesto-Fundação; e trouxera de lá a maravilha de ver um poeta de versos livres, Paul Fort, coroado príncipe dos poetas franceses; Manuel Bandeira travara contatos com Paul Éluard, na Suíça, e viera marcado por um neossimbolismo de cuja dissolução nasceria o seu modo de ser modernista; Ronald de Carvalho, embora pouco tivesse de revolucionário, ajudara em 1915 a fundação de uma revista da vanguarda futurista portuguesa, *Orfeu*, centro irradiador da poesia de Fernando Pessoa e de Sá Carneiro; Tristão de Ataíde e o próprio Graça Aranha conheceram igualmente as vanguardas europeias centradas em Paris; e da Paris de Apollinaire, Max Jacob e Blaise Cendrars vinha a poesia moderníssima de Sérgio Milliet, escrita embora em Genebra (*Em singeant, Le départ sous la pluie*) (BOSI, 2006, p. 355).

De acordo com Afrânio Coutinho (2004, p. 4), o manifesto futurista de Marinetti anunciava o compromisso da literatura com a nova civilização técnica, pregava o combate ao academicismo e exaltava às palavras em liberdade. Todavia, apenas um grupo da burguesia culta, paulista e carioca, que pudesse desfrutar “de condições especiais como viagens à Europa, leitura dos *derniers cris*, concertos e

exposições de arte, poderia renovar efetivamente o quadro literário do país”, sendo a Semana de Arte Moderna o seu ponto de encontro, ressalta Bosi (2006, p. 355).

O fato cultural mais importante antes da Semana, que serviu como uma espécie de termômetro da opinião pública paulista em relação às novas tendências, foi a Exposição da artista plástica Anita Malfatti em dezembro de 1917. De acordo com Bosi (2006, p. 356), Monteiro Lobato a atacou ferozmente num artigo intitulado “Paranoia ou Mistificação?”. E continua, nessa Exposição, Anita trazia elementos plásticos pós-impressionistas (cubistas e expressionistas), que conhecera em sua viagem de estudos à Alemanha e aos EUA. Oswald de Andrade e Menotti del Picchia defenderam o trabalho da artista. Mário de Andrade, por sua vez, ficou completamente encantado com suas obras.

De 1917 a 1922, os futuros organizadores da Semana de Arte Moderna entraram em contato com as poéticas de pós-guerra e formaram um grupo jovem e atuante no meio literário paulista. Porém, segundo Bosi (2006, p. 356-357), as obras escritas por eles no início desse período exibiam traços tradicionais. Apesar disso, o grupo foi-se tornando cada vez mais coeso no biênio de 1920-1921, quando assume publicamente a arte nova.

Menotti del Picchia, sob o pseudônimo de “Helios”, divulgava por meio de artigos no “Correio Paulistano” as novidades estéticas e promovia o grupo vanguardista de São Paulo. Neles e nas reflexões de Oswald de Andrade e Cândido Motta Filho, que a essa altura escreviam para o “Jornal do Comércio”, já se configurava a dupla direção que os modernistas iriam dar ao movimento: liberdade formal e ideias nacionalistas, lembra Bosi (2006, p. 358-359).

Mário de Andrade e Sérgio Buarque de Holanda negam o “Futurismo Paulista”, junto a Marinetti, mas concordam com a mudança dos valores que regiam, até então, a cultura nacional, comenta o autor. De Mário de Andrade surge o exemplo mais convincente desse pensamento: a “Pauliceia Desvairada” (1922), obra conhecida pelos modernistas antes da Semana e primeiro livro de poesia integralmente nova, cujo principal personagem é a cidade de São Paulo, que estava em desenvolvimento e na iminência de tornar-se a mais importante do país por sua população e grande potencial econômico, acrescenta Candido (1997, p. 69).

De acordo com Bosi (2006, p. 359), nesse período Mário, na série de artigos intitulada “Mestres do passado”, entoava um canto fúnebre aos maiores parnasianos: Francisca Júlia, Raimundo Correia, Alberto de Oliveira, Olavo Bilac e Vicente de Carvalho. E acrescenta, para que acontecesse a Semana de Arte Moderna, tudo já estava organizado. A coesão do grupo paulista, seus contatos com alguns intelectuais do Rio (Ribeiro Couto, Manuel Bandeira, Renato de Almeida, Villa-Lobos, Ronald de Carvalho) e a adesão de Graça Aranha significavam que o Modernismo poderia lançar-se como um movimento.

1.1. Da Semana de Arte Moderna ao Modernismo

A Semana de Arte Moderna foi realizada em São Paulo, entre 13 e 17 de fevereiro de 1922, no Teatro Municipal, embora seus organizadores tivessem em mente que o movimento devia ser nacional e não somente no eixo cultural Rio-São Paulo, conforme explica Castro (1999, p. 41).

De acordo com Massaud Moisés (2001, p. 18), a Semana de Arte Moderna foi provavelmente sugerida por Di Cavalcanti e aceita por Graça Aranha, que logo tomou a iniciativa de colocá-la em prática. Assim, três festivais compuseram o evento, que incluía uma parte literária, uma musical e uma plástica. Conforme, detalhadamente, explica o autor:

No dia 13, segunda-feira, teve lugar o primeiro festival, aberto com uma conferência de Graça Aranha, “A emoção Estética na Arte Moderna”, ilustrada com música executada por Ernâni Braga e poesia por Guilherme de Almeida e Ronald de Carvalho, seguida de execução de música de Villa-Lobos; da segunda parte, constou uma conferência de Ronald de Carvalho, “A Pintura e a Escultura Moderna no Brasil”, e a seguir solos de piano por Ernâni Braga. Na quarta-feira, dia 15, transcorreu o segundo festival; o programa consistia numa palestra de Menotti del Picchia, “ilustrada por poesias e trechos de prosa por Oswald de Andrade, Luís Aranha, Sérgio Milliet, Tácito de Almeida, Ribeiro Couto, Mário de Andrade, Plínio Salgado, Agenor Barbosa e dança pela senhorinha Yvone Daumerie”; a seguir, solos de piano de Guiomar Novais; no intervalo, Mário de Andrade proferiu palestra na escadaria interna do teatro, acerca da exposição de artes plásticas; na segunda parte, Renato Almeida falou da “Perennis Poesia”, seguindo-se números de canto e piano; o programa do terceiro festival, no dia 17, incluía música de Villa-Lobos. Ao mesmo tempo, o saguão do teatro exibia pintura de Anita Malfatti, Di Cavalcanti, John Graz, Martins Ribeiro, Zina Aita, J. F. de Almeida Prado, Ferrignac (Inácio da Costa Ferreira), Vicente do Rêgo Monteiro; arquitetura de Antônio Moya e George Prziembel; escultura de Victor Brecheret e W. Haarberg (MOISÉS, 2001, p. 19).

Para Bosi (2006, p. 363), a Semana de Arte Moderna foi ao mesmo tempo o ponto de encontro das várias tendências que desde a Primeira Guerra Mundial vinham sendo formadas em São Paulo e no Rio de Janeiro, e a plataforma que permitiu a consolidação de grupos, a publicação de livros, revistas e manifestos. Assim, o autor cita que:

Mário de Andrade, como já vimos, escrevera a *Pauliceia Desvairada* entre 1920 e 1921, mas só a deu a público no ano da *Semana*. Deste ao fim da década apareceram obras fundamentais para a inteligência do Modernismo. Em 1923 as *Memórias Sentimentais de João Miramar*, de Oswald de Andrade. Em 1924, *O Ritmo Dissoluto*, de Manuel Bandeira. Em 1925, *A Escrava que não é Isaura*, de Mário; *Pau-Brasil*, de Oswald; *Meu e Raça*, de Guilherme de Almeida; *Chuva de Pedra*, de Menotti del Picchia. Em 1926, *Losango Cáqui*, de Mário; *Toda a América*, de Ronald de Carvalho; *Vamos Caçar Papagaios*, de Cassiano Ricardo; *O Estrangeiro*, de Plínio Salgado. Em 1927, *Amar Verbo Intransitivo* e *Clã do Jabuti*, de Mário; *Estrela de Absinto*, de Oswald; *Brás, Bexiga e Barra Funda*, de Alcântara Machado; *Estudos* (1ª série), de Tristão de Ataíde. Em 1928, *Macunaíma*, de Mário; *Martim Cererê*, de Cassiano; *Laranja da China*, de Alcântara Machado, e a redação inicial de *Cobra Norato*, de Raul Bopp, que só o publicaria três anos mais tarde (BOSI, 2006, p. 363).

Juntamente às obras e com o desejo de explicá-las, os modernistas fundavam revistas e lançavam manifestos que iam delimitando os subgrupos, inicialmente estéticos, mas depois portadores de matizes

ideológicos, acrescenta o autor. De acordo com Bosi (2006, p. 368), rapidamente o movimento modernista irradiou para outras regiões brasileiras, além do eixo São Paulo-Rio de Janeiro.

Para Candido (1997, p. 70), o movimento modernista brasileiro foi complexo e contraditório, porém iniciou um período de transformações importantíssimas. Após ser considerado excentricidade e afronta ao bom-gosto, acabou tornando-se um ícone de renovação e referência à atividade artística e literária. O autor acredita que o Modernismo iniciou a fase mais produtiva da literatura brasileira, uma vez que já estava maduro o suficiente para produzir com originalidade a cultura nacional. E prossegue..., a principal contribuição do Modernismo foi a defesa da liberdade de criação e experimentação, pois “os modernistas valorizaram na poesia os temas quotidianos tratados com prosaísmo e quebraram a hierarquia dos vocábulos, adotando as expressões coloquiais mais singelas, mesmo vulgares”. Com essa postura, combateram a mania gramatical e defenderam a diversidade linguística brasileira.

Os modernistas, segundo o autor, também ignoraram as distinções entre os gêneros: acrescentaram poesia à narrativa em prosa, abandonaram as formas poéticas tradicionais, misturaram documento e fantasia, lógica e absurdo, além de recorrer ao primitivismo do folclore, ao português deformado dos imigrantes, e ao uso de certas ordenações sintáticas com base nas línguas indígenas. Além disso, o autor destaca que os românticos adocicaram a imagem do índio. Os modernistas, ao contrário, buscaram no índio e no negro o primitivismo, que injetaram nos padrões da civilização dominante como renovação. Entretanto, muitos modernistas acabaram caindo num artificialismo semelhante ao dos românticos, principalmente os que foram buscar na tradição indígena munição para um patriotismo ornamental.

1.2. Mário de Andrade: “Eu sou trezentos”

Segundo os autores Benjamin Abdala Junior & Samira Youssef Campedelli (1997, p. 213), “Mário de Andrade foi um escritor completo: além de poeta, contista e romancista, foi, também, grande ensaísta, interessado em música, desenho, pintura, escultura e folclore”. E, apesar da vasta área de interesses, não era um estudioso superficial, haja vista que buscou aprofundar-se cada vez mais em tudo que fazia.

Mário estreou em 1917 com “Há uma Gota de Sangue em Cada Poema”, em que demonstrou sua sensibilidade ao caos promovido pela Primeira Guerra Mundial. Mas, é com a “Paulicéia Desvairada” que o poeta obtém destaque. De acordo com Abdala Junior & Campedelli (1997, p. 213), esse livro de poemas tornou-se uma espécie de bandeira do Modernismo em virtude do “liberalismo formal da obra, rompida com qualquer esquema tradicional: versos livres, métrica informal, subversão total de valores anteriormente apregoados pelos poetas perfeccionistas, como os parnasianos”.

Mário segue o mesmo princípio adotado em “Paulicéia Desvairada” para produzir “Losango Cáqui”. Esses princípios estariam presentes em “Clã Jabuti” e em “Remate de Males”, acrescidos de uma

lírca mais contida e equilibrada, como no poema “Eu Sou Trezentos”. Já, em “Lira Paulistana”, Mário concentra-se novamente na cidade de São Paulo em que emerge uma poesia político-militante, apontam Abdala Junior & Campedelli (1997, p. 214).

Em “Amar, Verbo Intransitivo”, o poeta descreve a vida burguesa de São Paulo. Mas, é em “Macunaíma, o Herói sem Nenhum Caráter”, que Mário produz sua obra-prima em matéria ficcional. Massaud Moisés (2001, p. 52) acrescenta que, ao publicar “Paulicéia Desvairada” em 1922 e “Macunaíma” em 1928, Mário completava um círculo: iniciava o movimento e anunciava seu término, “revelando ao mesmo tempo que se identificava com o movimento de 22 a ponto de servir-lhe de guia e chegar a ser chamado de ‘papa do Modernismo’”.

Além das obras mencionadas, Mário nos presenteou, ainda, com outros livros, são eles:

contos: *Primeiro Andar* (1926), *Belazarte* (1934), *Contos Novos* (1946); [...]; ensaio: *A escrava que não é Isaura* (1925), *O Aleijadinho e Álvares de Azevedo* (1935), *O Movimento Modernista* (1942), *O Baile das Quatro Artes* (1943), *Aspectos da Literatura Brasileira* (1943), *O Empalhador de Passarinho* (1944); crônica: *Os Filhos da Candinha* (1943); vária: *Compêndio de História da Música* (1929), *Modinhas Imperiais* (1930), *Música, Doce Música* (1933), *A Música e a Canção Popular no Brasil* (1936), *Namoros com a Medicina* (1939), *A Expressão Musical nos Estado Unidos* (1940), *Música do Brasil* (1941), *Danças Dramáticas do Brasil* (3 vols., 1959), *Música e Feitiçaria no Brasil* (1963); diário: *O Turista Aprendiz* (1977) (MASSAUD MOISÉS, 2001, p. 52).

Segundo João Luiz Lafetá (1990, p. 15), Mário Raul de Moraes Andrade nasceu na rua Aurora, cidade de São Paulo, em 9 de outubro de 1893.

Seu pai, dr. Carlos Augusto de Andrade, era de origem humilde e crescera socialmente por meio do próprio esforço. Como era enérgico e trabalhador, Lafetá (1990, p. 15) acredita que ele foi o protótipo de pai pequeno-burguês, pois assim aparece literariamente transfigurado na obra do filho, sobre quem exerceu grande influência moral que deixou marcas visíveis. Mário, segundo o autor, tendia a considerar essas marcas de maneira negativa, apresentando a imagem do pai de maneira severa, amedrontada, cinzenta e medíocre. A mãe, carinhosa e compreensiva, surge, por sua vez, em meio a uma atmosfera de ternura. Dona Maria Luísa, com quem Mário morou até o fim da vida, descendia de bandeirantes: o pai, dr. Leite de Moraes, exerceu várias atividades, foi professor da Faculdade de Direito, escritor, político, deputado e governador de Goiás, acrescenta Lafetá (1990, p. 15).

Entretanto, o autor esclarece que, apesar da descendência ilustre, a família do escritor não era rica: vivia longe de apertos financeiros, mas também sem luxo ou desperdícios. Mário era homem metódico, com hábitos de trabalho e estudo. Catedrático de História da Música, no Conservatório Dramático e Musical de São Paulo, para sobreviver dava numerosas aulas de piano e escrevia artigos de crítica para diversas publicações. Participava de rodas literárias, festas, passeios, chás das cinco na Confeitaria Vienense, onde começava intermináveis discussões sobre arte moderna com os amigos da revista “Klaxon”, fundada pelos modernistas em 1922, aponta Lafetá (1990, p. 16).

A fama de Mário, afirma o autor, surge a partir dos acontecimentos da Semana de Arte Moderna. Aos poucos, seu nome começou a projetar-se nacionalmente. Seus livros chamavam a atenção de jovens escritores, que viam nele um homem culto, inteligente, dotado de muito humor e criatividade literária, isto é, uma inspiração.

Conforme mencionamos, o primeiro livro a brilhar foi a “Paulicéia Desvairada”. O segundo livro, por sua vez, refinava as experiências do primeiro: “Losango Cáqui”, ou “Afetos Militares de Mistura com os Porquês de Eu saber Alemão”, tem um subtítulo intrigante, segundo o autor, uma vez que o poeta não explica os “porquês” de ele saber alemão. Todavia, é frequente uma figura feminina. Segundo Lafetá (1990, p. 17), tratava-se de uma amada misteriosa que realmente existiu: era uma moça alemã, professora de línguas e preceptora em casa de ricas famílias paulistanas. Ao que parece, Mário teve com ela uma breve ligação amorosa, e sua figura lhe serviu de modelo para Fraulein, personagem do romance “Amar, Verbo Intransitivo”.

Mário era muito reservado com relação à sua vida sentimental. Além da moça alemã, nutriu várias paixões platônicas não correspondidas. Uma delas, pela jovem Maria Carolina, filha da milionária e protetora do Modernismo, dona Olívia Guedes Penteadado, e outra pela pintora Tarsila do Amaral, que anos mais tarde casou-se com Oswald de Andrade, revela o autor.

Mário teve, ainda, várias aventuras nada platônicas, isto é, amantes passageiras. Segundo o autor, a elegância e a alegria de Mário lhe permitiam aproximar-se das mulheres. Uma delas inspirou-lhe “O Girassol da Madrugada”, poema de amor. Não se sabe ao certo quem foi sua musa inspiradora, pois quase tudo de sua vida amorosa encontra-se envolvido em segredo, já que as pessoas que conviveram com ele evitam falar sobre o assunto, temendo a indiscrição ou a exposição de contemporâneos ainda vivos, destaca Lafetá (1990, p. 17).

Com base em Sérgio Milliet, Lafetá (1990, p. 17) acrescenta que o amor sexual ou platônico é inteiramente sublimado pelo poeta no amor à cidade de São Paulo e ao Brasil, que ele conheceu muito bem, principalmente por meio do estudo, pois, devido a sua situação financeira, não foi um grande viajante. Mas, interessou-se a fundo pela vida brasileira, fazendo pelo menos três viagens que marcaram sua obra: à Minas Gerais, em 1924; à Amazônia, em 1927; e ao Nordeste, em 1928/29. Dessas belas e proveitosas viagens, partiu o impulso que permitiu a criação de vários livros, como o “Turista Aprendiz”, “Clã do Jabuti” e “Macunaíma”, por exemplo.

Após a Revolução de 30, os homens modernistas voltaram suas atenções para as questões políticas: “a consciência da função social da literatura e das responsabilidades dos escritores foi assumida de modo pleno por eles”, comenta Lafetá (1990, p. 18). Essa consciência estava presente em Mário desde o começo. Porém, a política partidária nunca o capturou, “parecia-lhe suja demais e o deixava enojado”,

afirma o autor. Entretanto, houve um período em que ele se entregou às atividades de homem público. Convidado para criar o Departamento de Cultura de São Paulo, dedicou-lhe todas as suas energias. De 1934 a 1938, chefiou o Departamento.

Porém, as mudanças políticas resultaram no seu afastamento do posto que ocupava e, em 1938, mudou-se para o Rio de Janeiro. Lá, foi professor de Estética na Universidade do Distrito Federal e trabalhou no Ministério da Educação, elaborando o plano de uma Enciclopédia Brasileira. Continuou com sua atividade nos jornais, retornando à crítica literária. Mas, com o tempo, começou a sentir saudades de São Paulo, explica o autor.

Quando retornou a São Paulo, em 1940, trabalhou no Serviço do Patrimônio Histórico, que ajudara a criar e ao qual deu enorme contribuição. Retomou a sua obra. É de 1942 a conferência “O Movimento Modernista”, na qual faz o balanço e a crítica a sua geração, evidenciando os erros do Modernismo. Entre eles, aponta a omissão diante dos graves problemas sociais de seu tempo, destaca o autor.

Mário, segundo Lafetá (1990, p. 19), observa entristecido os acontecimentos que então se desenrolam: a Segunda Guerra Mundial e a ditadura do Estado Novo. Nutre verdadeiro ódio pelo fascismo e marcha, cada vez mais, para a esquerda, aproximando-se dos comunistas. Almeja uma arte social, utilitária e pragmática, capaz de aprimorar o homem. Entretanto, esses últimos projetos ficariam inconclusos. Desgastado pelo trabalho e pela amargura, Mário faleceu em 25 de fevereiro de 1945, vítima de ataque cardíaco.

1.3. Das cartas

Para Vasconcellos (1998, p. 61), “a carta é a conversação com alguém que está ausente, na qual colocamos o que diríamos se estivéssemos presentes. [...] espera-se que traga novidades do cotidiano, da vida política e pessoal, reflexões, confidências e expressões de sentimentos”. Durante muito tempo a carta permaneceu guardada em arquivos públicos e privados, e, só recentemente, adquiriu valor como documento de maior importância. Os pesquisadores compreenderam que a carta pode trazer informações preciosas, uma vez que ela funciona como testemunho vivo de uma determinada época, documenta uma história pessoal e registra situações, ações e reflexões, nos explica a autora.

Em 1927, Mário de Andrade, um dos líderes do Modernismo brasileiro, participou de uma excursão à Amazônia a convite de Dona Olívia Guedes Penteadó, aristocrata do café e mecenas dos modernistas. As memórias dessa viagem, que compreendem desde o seu planejamento à sua realização, foram registradas em cartas que o poeta enviou a Manuel Bandeira.

Em 6 de abril de 1927, Mário escreve ao amigo, a quem chama afetuosamente de “Manu”, para comunicar a sua possível viagem à Amazônia:

Manu,

[...]. Estava planejando dar um pulo até Pouso Alto ver você, porém de supetão de domingo pra cá minha vida deu um salto-mortal danado. Creio que vou embora pro Norte mês que vem, numa bonitíssima duma viagem. Dona Olívia faz tempo que vinha planejando uma viagem pelo Amazonas a dentro. E insistia sempre comigo pra que fosse no grupo. Eu ia resistindo, resistindo e amolecendo também. Afinal quando quase tudo pronto, resolvi ceder mandando à merda esta vida de merda. Vou também. Isto é, ainda não sei bem se vou, só falta saber o preço da viagem. Se ficar aí por uns quatro contos, vou, se ficar pra cima de cinco não vou. Tenho que emprestar dinheiro pra ir e isso vai me deixar a vida bem difícil depois e os projetos no tinteiro. O Clã prontinho da Silva, capaz de entrar agora mesmo pra máquina, agora pra quando?... Ora! que bem me importa... Já temos nacionalismo por demais e tão besta! Vão julgar meu livro nacionalista, que eu entrei também na onda, sem não ter ninguém capaz de perceber uma intenção minha, que sou o que sou, nacionalista não, porém brasileiro *et pour cause* desde *Paulicéia* onde eu falava que escrevia brasileiro e inventava as falas de Minha Loucura e das Juventudes Auriverdes, vão me confundir com os patriotas de merda gente que odeio, eu, sujeito que faz muito mandou pra..... as pátrias todas deste mundo de imbecis, vão falar todas as bobagens deste mundo e de mim mesmo, perceber alguma coisa de mim, inda não encontrei um me contasse pra mim, que me explicasse pros outros, são elogios são insultos, quem faz crítica neste país? Crítica verdadeira? Só eu mesmo. Pode ser que erre porém faço crítica, livro pra mim hoje não passa dum jeito da gente manusear um caráter, beijar na boca uma alma de gente como a gente e tão diferente no entanto. Isso é que é bom num livro, isso é que livro mostra bem mais que as outras artes, isso que ninguém percebe aqui. Estou fatigado. A publicação dum livro da importância capital que nem o *Amar, verbo intransitivo*, quem me percebeu essa importância? Importância pra mim e de mim quero falar. Quem me percebeu? Recebo elogios, recebo descomposturas, já tiveram o descaramento de falar que é o melhor romance brasileiro e tiveram o descaramento de falar o contrário também. Mas o que eu queria com ele, o que eu sofri nele, um confrontinho de datas, 1923, com as “Danças” também do mesmo ano e otimismo de depois, e toda a complexidade de problemas que o livro tem, ninguém não percebeu. O que me tem divertido um poucadinho é a perplexidade em que deixei a moçada. “Que é isso!” Está tudo sarapantado está tudo inquieto, está tudo não gostando com vontade de falar que não gosta porém meio com medo de bancar o bobo por não ter gostado duma coisa boa. Palavra que sinto pena de publicar em seguida o *Clã* e *Macunaíma* que são livros de que eles vão gostar porque “divertem”. No fundo essa moçada deve estar ainda buscando arte-pura, querem se divertir, paciência. Pra gente gostar dum livro esse livro deve divertir a gente senão o livro é ruim. Eis a lei. Como estou áspero hoje não? Estou sim tenho minhas razões, ando meio sofrendo, você não imagina, quero pegar direito na minha *História da Música* e me falta vontade, me falta tempo, me falta elementos, às vezes me parece que o livro vai ficar ruim e avança tão devagarinho!... E outras coisas ainda que nem vale a pena a gente falar por carta, um desgosto de mim mesmo se aprofundando, eu não sou o que estou sendo não. Sinto bem isso porém me falta coragem pra reagir. Vamos a ver se estes três meses de viagem me rebotam no meu destino outra vez. Em todo caso parto só aparentemente alegre, parto amargando.

[...]. Não fiz nada de nada no mês passado. Não adiantei uma linha na minha *História*. Artigos não escrevo artigos porque não tenho um jornal onde escrever. Só *Manhã* por bondade de Osvaldo porém eu é que refugo escrever pra *Manhã* é muito ordinária por demais. Pro Osvaldo não falei nada porém me desgosta demais, faz uns vinte dias que estou com um artigo principiado porém não quis nem acabar. São ainda coisas que me entristeceu. [...].

Puxa! creio que nem contei pra você por onde vai ser a nossa viagem. É melhor mesmo do que falar noutras coisas. Vamos pelo *Lóide Brasileiro* parando de porto em porto até Manaus. De lá subimos o Amazonas já com tudo determinado pelo Geraldo Rocha pra pararmos em todas as partes interessantes continuamos pelo Madeira e vamos parar na Bolívia. Depois não sei como é a volta, sei que tomamos a Madeira-Mamoré até parece que Guaíra-Mirim e depois não sei mais nada. Vamos Dona Olívia, Paulo Prado, o Afonso de Taunay e parece que mais uma pessoa. Como você vê as perspectivas são as melhores deste mundo. Peço quatro meses de férias. Parece que a viagem dura três. Se durar e achar jeito,

na volta me desligo da comitiva pra parar um pouco mais com o Cascudinho, em Natal, e no Recife e na Bahia. Isso porém inda está muito problemático. Aliás a viagem toda pra mim... [...].

Este- Mário!...

(ANDRADE. In: MORAES, 2001, p. 339-341 – grifos nossos).

Mário de Andrade era um homem simples, vivia do próprio trabalho e financiava a publicação dos seus livros. Suas dificuldades financeiras eram proeminentes, por isso não havia espaço para luxos ou desperdícios, conforme vimos em Lafetá (1990, p. 15), no tópico anterior. Nesse cenário, a sedutora viagem para a Amazônia só poderia concretizar-se mediante empréstimo, como o poeta confia a Manuel Bandeira.

Após anunciar a possível viagem, Mário comenta que a obra “Clã do Jabuti” está pronta e discorre, muito indignado, sobre o julgamento que a crítica brasileira da época faz sobre os seus trabalhos. Ele teme que os críticos julguem “Clã do Jabuti” como uma obra nacionalista e lamenta o fato de ninguém compreender os seus verdadeiros propósitos, que é o de incorporar nas suas obras as expressões utilizadas pelo povo brasileiro – postura própria dos modernistas que assim romperam com a mania gramatical e defenderam a diversidade linguística brasileira, como observamos em Candido (1997, p. 70).

Um pouco mais adiante, Mário revela a Manuel que está passando por um momento delicado, de desgosto consigo mesmo, fruto do desânimo para escrever e de outros motivos que prefere não mencionar. E, em meio à tamanha tristeza, envolve a viagem à Amazônia numa atmosfera de esperança. Mas, ressalta que partirá feliz por fora, mas profundamente triste por dentro.

Como pudemos observar, os comentários que Mário de Andrade faz sobre a provável recepção da obra “Clã do Jabuti” pela crítica brasileira e a difícil produção de “Compêndio de História da Música” confirmam as palavras de Diaz (2007, p. 123), trazidas à tona na introdução deste artigo. Para o autor, estudar as correspondências de escritores nos permite acompanhar os diversos estados de criação de uma obra particular, uma vez que estas mencionam obras em processo de criação e as suas respectivas etapas, isto é, desde o projeto, com um título provisório, até a publicação do livro e a sua recepção pela crítica.

No decorrer da carta, Mário desabafa outra vez e nos permite entrever mais um dos motivos de sua angústia: a ausência de um bom jornal para escrever seus artigos. Ainda nessa missiva, o autor de “A escrava que não é Isaura” comenta sobre o roteiro da viagem que ainda lhe era bastante confuso, o que nos permite inferir, com base em Vasti Araújo (2008, p. 21), que seu conhecimento sobre a Amazônia se restringia a leituras.

Mário revela ainda os nomes de algumas pessoas que, até então, iriam compor o grupo de viajantes e a sua intenção de afastar-se da comitiva para rever o amigo Luis da Camara Cascudo, a quem chama carinhosamente de “Cascudinho”. A bela viagem, os acompanhantes e a oportunidade de

reencontrar um amigo distante parecem ser ofertas irresistíveis ao poeta que, em 5 de abril de 1927, um dia antes de escrever a Manuel Bandeira, anuncia a sua quase certa viagem a Camara Cascudo:

Luís,

[...]. Venho te contar uma quasi verdade já. Desconfio que parto no mês que vem pra esses nortes de vocês. Imagine que parte daqui uma comitivilha dumas oito pessoas, pretendendo subir o Amazonas e subir o Madeira até a Bolívia. A organizadora da viagem é muito amiga minha e tem insistido por demais pra que eu vá. Creio que não resisto mais. É gostoso como companhia. É sublime como viagem. É verdade que tenho pouco tempo pra conversar com você... E não poderei desta feita assuntar bem cocos e bumbas-meu-boi... Meus estudos se prejudicarão... Porém fica bem mais barato e mais fácil. E verei tanta coisa que me interesse tanto! Acho que faço a burrada: vou. Si for mandarei logo contar o vapor em que vamos porquê faço questão de ver você logo no cais quando chegar aí. [...].

Com um acôcho arroxado do

(a) M.

(ANDRADE. In: MELO, 1991, p.77 – grifos nossos).

Quando comunica sua viagem a Camara Cascudo, Mário generaliza as regiões Norte e Nordeste do país ao dizer “esses nortes de vocês”, ou seja, seu conhecimento sobre essas porções territoriais ainda era muito pequeno. No que se refere ao plano de separar-se da comitiva para ir ao encontro de Cascudo, o poeta reconhece as desvantagens da estratégia – conversará pouco com o amigo e seus estudos serão prejudicados – mas, consola-se com a ideia de que “fica bem mais barato e mais fácil” se reencontrarem assim.

Já, em 30 de abril de 1927, Mário, conforme prometera a Camara Cascudo, envia-lhe uma carta, na qual explica o navio e a data em que a comitiva partirá do Rio de Janeiro rumo ao Nordeste e Norte do país:

Luis,

esta vai na disparada só pra contar que parto daqui para aí no navio do Loide chamado creio que Pedro 1º ou 2º, não sei bem. E também não sei se ele porta em Natal. Prá você será mais facil de saber isso. Partimos dia dez, do Rio. Você faça o impossivel pra me ver porque se desencontrarmos palavra que dou um tiro nos miolos. Estou desesperado pra encontrar você. Si o navio não porta em Natal ha-de portar por aí perto e você afinal faça um sacrificiozinho e vá se encontrar comigo, faz favor. Estive conversando hoje com a snra. Guedes Penteado, dona da expedição e incontestavelmente a grande dama paulista do momento. Ela me falou que você pode sim avisar e preparar o prefeito d’ aí. Não é perfeito esse snr. O’Grady de que me fala? Tenho uma idea vaga que já vi esse nome numa revista que você me mandou. Era facil procurar porém agora estou afobadissimo. Será delicioso que ele nos faça as honras da cidade dele porque ninguém, como ele nos abrirá as portas do que tem de mais interessante por aí. E como eu pretendo escrever um livrinho sobre a viagem, você compreende que isso até bem fará pra todos.

[...]

(a) M.

(Como PS, manuscrito, acrescentou MA): São três da madrugada e perdendo mesmo de soneira venho contar mais isto pra você. Venho duma festa e estive com dona Olivia Guedes Penteado. Ela me perguntou si você não queria ir também com a gente pro Amazonas fazer a mesma viagem. Vamos Luis. De Belem a Belem viagem até Iquitos no Peru pelo Amazonas, viagem até Guajará-mirim pelo Madeira, visita à ilha de Marajó e mais viagem pelo rio Negro. Ficaré tudo quanto mais por uns dois contos pra você. Isso no maximo dos maximos. Creio mesmo que ficaré bem mais barato. E são dois meses ao todo. Vamos? Decida e vamos sim. Será uma gostosura! Não carece responder, quando a gente passar por aí você entra no grupo. Tá feito?

(a) M.

(ANDRADE. In: MELO, 1991, p. 78-79 – grifos nossos).

Nesta carta, Mário comenta com o amigo que pretende “escrever um livrinho sobre a viagem” e, por isso, seria ótimo que o prefeito lhe apresentasse a cidade. Provavelmente, trata-se de seu diário de viagem “O Turista Aprendiz”, em que o poeta narra, com riqueza de detalhes, cada momento de seu périplo à Amazônia e ao Nordeste. É, sem dúvida, um livro que nos permite estabelecer um diálogo com as informações presentes nas cartas.

É evidente o desejo de Mário em viajar com uma companhia mais próxima que aquelas que, até então, iriam compor a comitiva. Por isso, tenta convencer Cascudo a fazer parte da excursão, lhe explicando o roteiro, o valor e o tempo que a viagem levará.

Em 11 de maio de 1927, um pouco mais tarde do que anunciara a Camara Cascudo, Mário embarca no vapor “Pedro I” sem perceber que o grupo de viajantes já não era mais o mesmo que havia mencionado em carta, datada de 6 abril, a Manuel Bandeira. O episódio é relatado pelo poeta em seu diário de viagem “O Turista Aprendiz”:

**11 de maio. A bordo do *Pedro I*. [...] Com essa história não me despedi de ninguém direito, nem percebi certo quantos companheiros de viagem iam no bando. Já de São Paulo sabia que eram uma porção e gente de circo, disposta e bem divertida. Pois quando dou tento mesmo definitivo no caso, toda a gente roera a corda! Estamos apenas dona Olívia, e as duas moças, Dolur e Mag. Dona Olívia com aquele sorrizinho dela, me fala:
– Você deve estar bem descontente de ser o único homem da expedição...
– Se soubesse que era assim, não vinha, dona Olívia.
Meio áspero, sincero. Ela não teve o que dizer. Nem eu. Estava com raiva dela e das moças. Ela se lembra de contar que Washington Luís telegrafou aos presidentes de estados e pro Peru. [...] (ANDRADE, 2015, p. 54-55 – grifos nossos).**

Ao descobrir-se o único homem da excursão, Mário se sente frustrado, algo logo percebido por Dona Olívia que comenta: “Você deve estar bem descontente de ser o único homem da expedição...” e Mário, sem conseguir disfarçar seu desgosto, responde de maneira rude: “Se soubesse que era assim, não vinha, dona Olívia”. Em seguida, desabafa: “meio áspero, sincero. Ela não teve o que dizer. Nem eu. Estava com raiva dela e das moças”. As duas moças mencionadas por Mário eram Margarida Guedes

Nogueira – Mag –, sobrinha de Dona Olívia, e Dulce do Amaral Pinto – Dolur –, filha de Tarsila do Amaral, pintora do célebre “Abaporu”.

Em meio ao mal-estar que se instalara no navio, Dona Olívia “se lembra de contar que Washington Luís telegrafou aos presidentes de estados e pro Peru”, ou seja, o grupo viajava recomendado aos presidentes dos Estados, como se chamavam os governadores da época, e às autoridades peruanas pelo então presidente do Estado de São Paulo e logo adiante da República do Brasil, Washington Luís Pereira de Souza, amigo de Dona Olívia.

Após passarem pelo Nordeste, os viajantes chegam a Belém do Pará no dia 19 de maio de 1927. Sobre a chegada da comitiva à capital paraense, Mário escreve em seu diário, no mesmo dia:

Mas quando Belém principia diminuindo a vista larga a boniteza surge outra vez. **Chegamos lá antes da chuva e o calor era tanto que vinha dos mercados um cheiro de carne-seca. Os barcos veleiros sentados no cais do Ver-o-peso sacudiam as velas roseadas azuis negras se abanando com lerdeza. Nos esperavam oficialmente no cais dois automóveis da Presidência prontinhos pra batalha de flores. Pra cada uma das companheiras do poeta um buquê famoso, fomos** (ANDRADE, 2015, p. 69 – grifos nossos).

De acordo com Araújo (2008, p. 24-26), a comitiva foi recepcionada pelas autoridades e representantes da sociedade local e, em seguida, conduzida ao Grande Hotel, luxuoso hotel foi inaugurado em 1911, não possuía similar fora do eixo Rio-São Paulo. Disponha de amplo salão de recepção, apartamentos de luxo, cozinha regional e internacional, *american bar*, quadra de tênis, barbearia, salão de leitura, teatro: o Palace – Theatre, e um terraço parisiense, com mesas e cadeiras, que era o lugar preferido da sociedade local.

Para Mário de Andrade, não havia algo mais prazeroso que tomar sorvetes no calor da tarde sentado na bela terrasse do Grande Hotel. Sobre isso o poeta escreve em carta, datada de junho de 1927, ao amigo Manuel Bandeira:

Por esse mundo de águas – junho 1927.

Manu

[...]. Amanhã se chega em Manaus e não sei que mais coisas bonitas enxergarei por este mundo de águas. Porém me conquistar mesmo a ponto de ficar doendo no desejo, só Belém me conquistou assim. Meu único ideal de agora em diante é passar uns meses morando no *Grande Hotel* de Belém. O direito de sentar naquela *terrasse* em frente das mangueiras tapando o Teatro da Paz, sentar sem mais nada, chupitando um sorvete de cupuaçu, de açaí, você que conhece o mundo, conhece coisa melhor do que isso, Manu? Me parece impossível. Olha que tenho visto bem coisas estupendas. Vi o Rio em todas as horas e lugares, vi a Tijuca e a Sta. Teresa de você, vi a queda da Serra pra Santos, vi a tarde de sinos em Ouro Preto e vejo agora mesmo a manhã mais linda do Amazonas. Nada disso que lembro com saudades e que me extasia sempre ver, nada desejo rever como uma precisão absoluta fatalizada do meu organismo inteirinho. Porém Belém eu desejo com dor, desejo como se deseja sexualmente, palavra. Não tenho medo de parecer anormal pra você, por isso que conto esta confissão esquisita mas verdadeira que faço de vida sexual e vida em Belém. Quero Belém como se quer um amor. É inconcebível o amor que Belém despertou em mim.

E como já falei, sentar de linho branco depois da chuva na *terrasse* do *Grande Hotel* e tragar o sorvete, sem vontade, só pra agir, isso me dá um gozo incontestavelmente realização de amor de tão sexual.

[...]. Não sei se já contei pra você que por aqui vou bancando o jornalista célebre. Fazem tudo por nos agradar é lógico que por causa de Dona Olívia e eu passo por homem ilustre e uma grande inteligência aí do Sul. Só vendo quanta amabilidade e quanta coisa preparada só pra gente. Navegamos no mel. Se não fosse a cacetada dos protocolos oficiais, palavra que não faltava nada pra isto ser um paraíso pra mim. Imagine porém que até um discurso de improviso tive de fazer respondendo a uma saudação do Dionísio Bentes, presidente do Pará! Sou incapaz de improvisar. Falei um quarto de dúzia de coisas familiares e me assentei tremendo feito bobo. Pelo menos asneira creio que não saiu nenhuma não!

[...].

[...].

Um abraço do

Mário

(ANDRADE. In: MORAES, 2001, p. 345-346 – grifos nossos).

“Amanhã se chega a Manaus e não sei que mais coisas bonitas enxergarei por este mundo de águas”. Mário estava em êxtase com cada detalhe da Amazônia: suas cidades, florestas, rios e pessoas eram deslumbrantes, tudo era perfeito e encantador, ao ponto de o poeta mostrar-se cético em relação ao que estava por vir. Será que havia coisas mais lindas que aquelas já vistas? Mas, ressalta que apenas uma cidade o conquistou de fato: “Porém me conquistar mesmo a ponto de ficar doendo no desejo, só Belém me conquistou assim”.

Mário estava tão entusiasmado com a capital paraense que chega a confessar a Manuel Bandeira o seu ideal de “passar uns meses morando no *Grande Hotel* de Belém”: “O direito de sentar naquela *terrasse* em frente das mangueiras tapando o Teatro da Paz, sentar sem mais nada, chupitando um sorvete de cupuaçu, de açaí, você que conhece o mundo, conhece coisa melhor do que isso, Manu? Me parece impossível”. Benedito Nunes (2003, p.30), ajuda a compreender detalhes da beleza do cenário escolhido por Mário para uma temporada:

Imagine-se, agora, na rua do lado ocidental do Theatro da Paz, no mesmo Largo da Pólvora (Praça da República), um edifício de quatro andares, o piso inferior abrindo-se em portas envidraçadas, os balcões das janelas superiores em ordenação clássica, culminando de ambos os lados de um frontão central, em mansardas semelhantes às dos prédios da Rue de Rivoli, em Paris, ponham-se-lhe, em calçada fronteira, com respectivas cadeiras portáteis, mais de uma dezena de mesinhas de tampo circular de pedra, cada qual cercado por um aro protetor de metal amarelo, e teremos o **Grande Hotel** e sua *terrasse*, quarto ícone urbano³, construído no fim do século, e que ainda sólido e em condições de funcionamento, na mesma década de 1970, quando o arraial de Nazaré acabou, a especulação imobiliária suprimiu da paisagem urbana (Grifo do autor).

Em seguida, assim como Nunes (2003) relaciona o Grande Hotel com os prédios da Rue de Rivoli em Paris, Mário justifica sua preferência por Belém a comparando a outras cidades: “Olha que tenho visto

³ Os quatro ícones estabelecido por Nunes (2003, p. 29) são o Largo de Nazaré e Grande Hotel, “já perecidos”, o Bosque Rodrigues Alves, “em estado precário” e o Paris N’ América, “prestes a arruinar-se”.

bem coisas estupendas. Vi o Rio em todas as horas e lugares, vi a Tijuca e a Sta. Teresa de você, vi a queda da Serra pra Santos, vi a tarde de sinos em Ouro Preto e vejo agorinha mesmo a manhã mais linda do Amazonas”.

Ao que parece, nada superava a magnificência de Belém do Pará e Mário desejava revê-la: “Nada disso que lembro com saudades e que me extasia sempre ver, nada desejo rever como uma precisão absoluta fatalizada do meu organismo inteirinho”. De acordo com Botelho (2013, p. 23), ao leitor de hoje, talvez esta afirmação seja desconcertante, pois, levando-se em consideração “os padrões atuais de mobilidade, deslocamentos espaciais e viagens, Mário de Andrade teria ‘visto’ pouco, seria um viajante pouco experiente para um homem de 34 anos de idade, de classe média e altamente instruído e cultivado”.

O encanto por Belém e o desejo de revê-la eram tão fortes que chegam a ser exprimidos pelo poeta como um arrebatamento sexual: “Porém Belém eu desejo com dor, desejo como se deseja sexualmente, palavra. Não tenho medo de parecer anormal pra você, por isso que conto esta confissão esquisita mas verdadeira que faço de vida sexual e vida em Belém. Quero Belém como se quer um amor. É inconcebível o amor que Belém despertou em mim”.

Sobre a recepção paraense, Mário comenta: “não sei se já contei pra você que por aqui vou bancando o jornalista célebre. Fazem tudo por nos agradar é lógico que por causa de Dona Olívia e eu passo por homem ilustre e uma grande inteligência aí do Sul”. Mário percebia que toda a atenção, pompa e circunstância dispensada ao grupo eram, na verdade, direcionados à Dona Olívia, mas isso não o incomodava: ao contrário, o escritor gostava de usufruir de toda esta hospitalidade: “Só vendo quanta amabilidade e quanta coisa preparada só pra gente. Navegamos no mel”. Porém, lamenta os excessivos protocolos oficiais que o deixavam constrangido e irritado, como o discurso que teve de fazer em resposta a uma saudação do então governador do Pará, Dionisio Bentes.

Ainda sobre esse fato, Mário comenta em seu diário:

20 de maio. [...]. Devia ter feito esta viagem com menos idade e muito menos experiência... Visita oficial e almoço íntimo com o presidente. Íntimo? Depois do sal, o prefeito se ergueu com champanha na taça, taça! fazia já bem tempo que com meus amigos ricos paulistas eu não bebia champanha em taça... Pois é: ergueu a taça e fez um discurso de saudação a dona Olívia. Aí é que foi a história. Aliás desde que o homenzinho se levantou fiquei em brasas, era fatal, eu teria que responder! Pois foi mesmo: nem bem o prefeito terminou que dona Olívia me espiou sorrindinho e com um leve, mas levíssimo sinal de espera me fez compreender que a resposta me cabia, nunca no mundo improvisei! Veio uma nuvem que escureceu minha vista, fui me levantando fatalizado, e veio uma ideia. Ou coisa parecida. Falei que tudo era muito lindo, que estávamos maravilhados, e idênticas besteiras verdadeiríssimas, e soltei a ideia: nos sentíamos tão em casa (que mentira!) que nos parecia que tinham se eliminado os limites estaduais! Sentei como quem tinha levado uma surra de pau. [...] (ANDRADE, 2015, p. 73-74 – grifos nossos).

“Devia ter feito esta viagem com menos idade e muito menos experiência... Visita oficial e almoço íntimo com o presidente. Íntimo?”. Mário desabafa sua vontade de ter realizado a viagem quando era

mais jovem, pois não precisaria enfrentar os protocolos oficiais, que eram imensamente constrangedores. Entretanto, os encontros oficiais não se limitam a Belém. Em Iquitos, no Peru, Mário teve de improvisar mais uma vez, como revela à amiga Anita Malfatti, em carta datada de 26 de outubro de 1927:

Anitoca querquerida

[...]. Depois inda acabei fazendo um discurso! Sim senhora, este seu amigo que jamais teve coragem de fazer um improviso na vida, lá no norte foi obrigado a virar discursador, fiz improviso por toda a parte. Também fiz o primeiro logo em Belém do Pará e depois me limitei a repetir por toda a parte o que falara da primeira vez, fiz não sei quantas vezes o mesmo improviso. Enfim nesta viagem gostosíssima tudo foi pretexto pra pândegas e dona Olívia, a filha de Tarsila, a filha de dona Betita Guedes Nogueira e eu, os únicos que fomos afinal, nos divertimos que foi uma gostosura. [...].

Um abração do

Mário

(ANDRADE. In: BATISTA, 1989, p. 132-134 – grifos nossos).

“Enfim nesta viagem gostosíssima tudo foi pretexto pra pândegas e dona Olívia, a filha de Tarsila, a filha de dona Betita Guedes Nogueira e eu, os únicos que fomos afinal, nos divertimos que foi uma gostosura”. Apesar se sentir frustrado no início da viagem por ser o único homem da comitiva, Mário divertiu-se bastante, de tal modo que, todo aquele constrangimento, havia ficado para trás.

Considerações finais

Este artigo trouxe um pouco da história do movimento modernista no Brasil, estudo feito a partir de resenhas de textos clássicos sobre o assunto, bem como a biografia de Mario de Andrade e, sucintamente, a apresentação de sua obra e a importância dela para a Literatura Brasileira. Todavia, é na terceira parte que apresentamos as cartas de Belém escritas por Mário de Andrade, tema muito pouco estudado, coligidas por Marcos Antônio de Moraes (2001), organizador da **Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira**, publicada pela EDUSP/ Instituto de Estudos Brasileiros.

Considerando que, para Vasconcellos (1998, p. 61), “a carta é a conversação com alguém que está ausente, na qual colocamos o que diríamos se estivéssemos presentes”, compreendemos que as informações presentes nas cartas que Mário de Andrade destinou a Manuel Bandeira sobre Belém trazem contribuições importantes para o estudo da cidade no final dos anos 20, do século XX, apesar de um pouco sucintas. Elas revelam apenas um pouco daquilo que o poeta viu e sentiu ao entrar em contato com a capital paraense a um amigo que está distante. Destaque especial ao Grande Hotel, marca da *Belle Epoque* e um dos traços de identidade da Belém do passado, derrubado nos tempos da ditadura militar, é um dos ícones urbanos de Belém, considerado por Nunes (2003), um dos carimbos fisionômicos da metrópole, só recuperável nas memórias pessoais, na literatura e nos registros fotográficos.

Por outro lado, o diário “O Turista Aprendiz”, utilizado ao longo da análise das cartas, nos fornece um maior número de informações. Nele o poeta busca narrar todos os momentos da excursão, mencionando os lugares por onde passou, as comidas típicas que provou e as mais diversas situações que vivenciou. Portanto, estimamos que as cartas sobre a viagem na Amazônia são resumo de um relato muito maior, aquele presente no diário “O Turista Aprendiz”, objeto de estudos posteriores.

REFERÊNCIAS

- ABDALA JUNIOR, Benjamin; CAMPEDELLI, Samira Youssef. **Tempos da literatura brasileira**. 5ª ed. São Paulo: Ática, 1997.
- ANDRADE, Mário de. **O turista Aprendiz**. Edição de texto apurado, anotada e acrescida de documentos por Telê Ancona Lopez, Tatiana Longo Figueiredo; Leandro Raniero Fernandes, colaborador. Brasília, DF: Iphan, 2015.
- ARAÚJO, Vasti da Silva. **Notação de um turista aprendiz**. Dissertação (Mestrado em Letras – Estudos Literários). Belém: UFPA, 2008. Disponível em: <<http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/2090>>. Acesso em: 03 ago. 2017.
- BATISTA, Marta Rossetti (Org.). **Mário de Andrade, cartas a Anita Malfatti**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. ed. 43. São Paulo: Cultrix, 2006.
- BOTELHO, André. A viagem de Mário de Andrade à Amazônia: entre raízes e rotas. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, Brasil, n. 57, p. 15-50, 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rieb/n57/02.pdf>>. Acesso em: 10 abri. 2017.
- CANDIDO, Antonio. **Iniciação à literatura brasileira (resumo para principiantes)**. São Paulo: Humanitas Publicações, 1997. (p. 67-78).
- CASTRO, Silvio. **História da literatura brasileira**. v. 3. Lisboa: Publicações Alfa, 1999.
- COTRIM, Gilberto. **História global – Brasil e Geral**. v. único. 8. ed. São Paulo: Saraiva, 2005.
- COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**. 7.ed. rev. e atual. São Paulo: Global, 2004.
- DIAZ, José-Luis. Qual genética para as correspondências? (trad. Cláudio Hiro e Maria Sílvia Ianni Barsalini). *Manuscritica: revista de Crítica Genética*, 15. São Paulo: Associação de Pesquisadores Crítica Genética/Humanitas, 2007. Disponível em: <<http://revistas.fflch.usp.br/manuscritica/article/view/1059>>. Acesso em: 10 abr. 2017.
- LAFETÁ, João Luiz. **Mário de Andrade**. ed. 3. São Paulo: Nova Cultural, 1990.
- MELO, Veríssimo de (Org.). **Cartas de Mário de Andrade a Luís da Câmara Cascudo**. Belo Horizonte – Rio de Janeiro: Villa Rica, 1991.
- MOISÉS, Massaud. **História da literatura brasileira**. ed. 5. São Paulo: Cultrix, 2001.
- MORAES, Marcos Antônio de (Org.). **Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, Universidade de São Paulo, 2. ed., 2001.

- NEVES, José Luis. Pesquisa qualitativa- características, usos e possibilidades. *Caderno de pesquisa em administração*, São Paulo, v.1, n.3, p. 01-05, 2º sem. 1996. Disponível em:<<http://www.ead.fea.usp.br/cad-pesq/arquivos/C03-art06.pdf>>. Acesso em: 14 mai. 2017.
- NUNES, Benedito. Pará capital Belém. In NUNES, Benedito e HATOUM, Milton. **Crônica de Duas Cidades**: Belém e Manaus. Belém: Secult, 2006.
- TORELLY, Luiz Philippe Peres. O turista aprendiz e o patrimônio cultural. In: ANDRADE, Mário de. **O turista Aprendiz**. Edição de texto apurado, anotada e acrescida de documentos por Telê Ancona Lopez, Tatiana Longo Figueiredo; Leandro Raniero Fernandes, colaborador. Brasília, DF: Iphan, 2015.
- VASCONCELLOS, Eliane. Carta missiva. *Remate de males*, Unicamp, v.18, 1998. Disponível em: <<http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/remate/article/view/3115>>. Acesso em: 23 jul. 2017.
- VASCONCELLOS, Eliane (Org.). Arquivo museu de literatura brasileira. **Inventário do arquivo Pedro Nava**. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 2001. Disponível em: <<http://www.casaruibarbosa.gov.br/pedronava/downloads/inventarionava.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2017.

Recebido em: 20/06/2019

Aceito em: 29/07/2019